

ALTHUSSER E A QUESTÃO DA IDEOLOGIA: RELEITURAS E CONTROVÉRSIAS

Luciano Gomes dos Santos¹

Resumo: Este artigo examina a teoria da ideologia em Louis Althusser, com foco na sua formulação em *Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado*. Discute-se a concepção althusseriana da ideologia como estrutura onipresente que interpela os indivíduos como sujeitos e garante a reprodução das relações de produção. Além disso, analisa-se o papel dos Aparelhos Ideológicos de Estado, como escola, mídia e religião, na manutenção da ordem social. O artigo também apresenta releituras e críticas à teoria, destacando debates com autores como Gramsci, Foucault e Žižek. Por fim, avalia-se a atualidade do pensamento de Althusser na crítica contemporânea da ideologia.

Palavras-chave: Ideologia; Aparelhos Ideológicos de Estado; Releituras; Controvérsias.

ALTHUSSER AND THE QUESTION OF IDEOLOGY: REINTERPRETATIONS AND CONTROVERSIES

Abstract: This article examines Louis Althusser's theory of ideology, focusing on its formulation in *Ideology and Ideological State Apparatuses*. It discusses the Althusserian conception of ideology as an omnipresent structure that interpellates individuals as subjects and ensures the reproduction of production relations. Furthermore, it analyzes the role of Ideological State Apparatuses, such as schools, media, and religion, in maintaining social order. The article also presents reinterpretations and criticisms of the theory, highlighting debates with authors such as Gramsci, Foucault, and Žižek. Finally, it assesses the relevance of Althusser's thought in contemporary critiques of ideology.

Keywords: Ideology; Ideological State Apparatuses; Reinterpretations; Controversies.

198

1. Introdução

A ideologia, enquanto conjunto de ideias e representações que permeiam as sociedades, desempenha um papel central na filosofia e nas ciências sociais. Compreender como as ideologias influenciam comportamentos, instituições e estruturas sociais é fundamental para a análise crítica das relações de poder e das dinâmicas sociais. Nesse contexto, a teoria da ideologia proposta por Louis Althusser emerge como uma contribuição significativa, oferecendo uma perspectiva inovadora sobre o funcionamento das ideologias nas sociedades contemporâneas.

¹ Professor do Centro Universitário Arnaldo Janssen – UniArnaldo (Belo Horizonte – MG). Doutor em Teoria do Direito (PUCMINAS) e Teologia, Mestre em Teologia (FAJE), Licenciatura em Ciências Sociais e Filosofia, Parapsicólogo e Graduação em Teologia. Presidente da Comissão Própria de Avaliação (CPA) e Membro do Centro de Valores do UniArnaldo. Coordenador da Formação Geral Básica (FGB), Colégio Cotemig. E-mail: lucianogomesdossantos21@gmail.com – Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6047-0838>

Louis Althusser, filósofo marxista francês, propôs uma visão distinta da ideologia, afastando-se de interpretações tradicionais. Para Althusser, a ideologia não é meramente um conjunto de ideias falsas ou ilusórias, mas uma estrutura onipresente que interpela os indivíduos como sujeitos, garantindo a reprodução das relações de produção. Essa concepção desloca a análise da ideologia do campo das ideias para o das práticas sociais e instituições, destacando seu papel material na manutenção da ordem social.

O objetivo deste artigo é examinar a teoria althusseriana da ideologia, explorando suas implicações e as críticas que tem recebido ao longo do tempo. Ao analisar a concepção de ideologia como prática material e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), busca-se compreender como essas estruturas contribuem para a perpetuação das relações de poder e quais são as possibilidades de resistência e transformação social.

A escolha desse tema se justifica pela relevância da teoria de Althusser no contexto do pensamento marxista e das ciências sociais em geral. Sua abordagem oferece ferramentas analíticas para compreender a complexidade das sociedades capitalistas avançadas, onde as formas de dominação não se limitam à coerção física, mas se estendem às esferas ideológicas e culturais. Além disso, a teoria althusseriana permite uma reflexão crítica sobre o papel das instituições na formação dos sujeitos e na manutenção da hegemonia das classes dominantes.

Ao longo das décadas, a teoria da ideologia de Althusser tem sido objeto de releituras e controvérsias. Autores como Ernesto Laclau e Chantal Mouffe propuseram revisões e críticas, questionando aspectos da teoria althusseriana e sugerindo novas abordagens para a compreensão da ideologia e da hegemonia cultural. Esses debates enriquecem a análise e evidenciam a vitalidade do campo teórico em torno da ideologia.

Além disso, a teoria de Althusser mantém-se atual no campo do pensamento crítico, não somente no que concerne aos aspectos reprodutores, mas também transformadores das relações de poder. A análise dos Aparelhos Ideológicos de Estado, como a educação, a mídia e a família, continua sendo uma ferramenta valiosa para entender como as ideologias são disseminadas e internalizadas pelos indivíduos na sociedade contemporânea.

Este artigo pretende contribuir para o aprofundamento da compreensão da ideologia e de seu papel nas sociedades modernas, oferecendo uma análise crítica da teoria de Althusser e das discussões que ela suscitou. Ao fazê-lo, busca-se iluminar as formas pelas quais as ideologias operam e como podem ser desafiadas, abrindo caminho para transformações sociais emancipatórias.

2. A Concepção de Ideologia em Althusser

Neste capítulo, abordaremos a concepção de ideologia desenvolvida por Louis Althusser, um dos principais teóricos do marxismo estruturalista no século XX. Althusser rompe com as leituras tradicionais de Karl Marx, propondo uma visão mais complexa da ideologia, que não a entende apenas como uma falsa consciência, mas como um elemento estruturante da sociedade. Seu trabalho se destaca por enfatizar o papel das estruturas na reprodução das relações sociais, através de instituições e práticas ideológicas que formam os sujeitos. Ao longo deste capítulo, serão discutidos os conceitos centrais da teoria althusseriana, como os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), a definição de ideologia como uma “representação imaginária da relação dos indivíduos com suas condições reais de existência” e a distinção essencial entre ideologia e ciência, fundamentais para compreender as dinâmicas de poder e dominação nas sociedades capitalistas.

A partir dessa perspectiva, será explorado como a ideologia, ao contrário de ser apenas uma distorção da realidade, se insere profundamente nas práticas sociais, constituindo os indivíduos enquanto sujeitos e garantindo a continuidade da estrutura social. A análise althusseriana oferece uma compreensão materialista e estrutural da ideologia, que não pode ser dissociada das instituições que asseguram sua reprodução. Além disso, será discutida a persistência da ideologia como um elemento permanente das sociedades, sugerindo que sua função vai além da manipulação consciente das classes dominantes, estando imbricada nas condições materiais e subjetivas que sustentam a ordem social. Em síntese, a teoria de Althusser permite uma reflexão crítica sobre os mecanismos ideológicos que operam nas sociedades contemporâneas e sobre as possibilidades de resistência e transformação desses sistemas.

2.1 Breve contextualização do pensamento de Althusser e sua relação com o marxismo estruturalista

Louis Althusser foi um dos principais expoentes do marxismo estruturalista no século XX (LEWIS, 2022). Seu pensamento surgiu em um contexto de reinterpretar e renovação do marxismo, especialmente a partir das décadas de 1960 e 1970, quando as

discussões sobre estrutura, ideologia e subjetividade ganhavam destaque (ALTHUSSER, 1980). Sua abordagem diferenciava-se das leituras tradicionais de Karl Marx, afastando-se do humanismo marxista e enfatizando o papel das estruturas na reprodução das relações sociais.

Althusser argumentava que o marxismo deveria ser compreendido como uma ciência das formações sociais, afastando-se da ideia de um sujeito histórico autônomo e consciente de sua própria emancipação (ALTHUSSER, 1965). Para ele, a história era determinada por estruturas econômicas, políticas e ideológicas, e não por uma lógica linear de progresso ou pela consciência de classe. Assim, sua influência derivava de uma tentativa de “ler O Capital” a partir de uma abordagem estruturalista, alinhando-se a pensadores como Claude Lévi-Strauss (1982) e Michel Foucault (2000) na tentativa de entender os mecanismos de reprodução social.

No campo da ideologia, Althusser propõe uma visão que rompe com a concepção clássica da ideologia como uma falsa consciência. Sua análise dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) demonstra como a ideologia se manifesta não apenas no discurso, mas também nas práticas institucionais, garantindo a reprodução das condições materiais de existência da sociedade capitalista (ALTHUSSER, 1980).

201

2.2 O conceito de ideologia como “representação imaginária da relação dos indivíduos com suas condições reais de existência”

Uma das contribuições mais significativas de Althusser à teoria da ideologia está na definição de ideologia como uma “representação imaginária da relação dos indivíduos com suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1980, p. 45). Diferentemente da concepção tradicional, que via a ideologia como uma distorção da realidade ou uma forma de consciência falsa, Althusser argumenta que a ideologia é constitutiva da experiência social e desempenha um papel ativo na formação dos sujeitos.

Para Althusser, a ideologia não se limita ao campo das ideias ou das representações discursivas, mas está materializada nas práticas sociais e institucionais. A interpelação ideológica ocorre por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado, que incluem a escola, a religião, a família, a mídia e outras instituições responsáveis pela reprodução das relações de produção (ALTHUSSER, 1980).

Assim, a ideologia funciona como um mecanismo de subjetivação, isto é, um processo que constitui os indivíduos enquanto sujeitos. A interpelação ideológica é um ato pelo

qual as instituições ideológicas chamam os indivíduos a ocupar determinadas posições sociais, garantindo a continuidade da estrutura social vigente (ALTHUSSER, 1980, p. 50).

2.3 A distinção entre ideologia e ciência

A distinção entre ideologia e ciência é um ponto fundamental na teoria althusseriana, pois reflete uma ruptura epistemológica significativa com as abordagens tradicionais do marxismo. Althusser propõe que, enquanto a ideologia opera no nível das representações e das consciências individuais e coletivas, a ciência marxista busca uma explicação objetiva e crítica da realidade social. Para Althusser, a ideologia, como representação imaginária da relação dos indivíduos com suas condições reais de existência, não possui a capacidade de questionar ou transformar a estrutura material da sociedade. Em vez disso, ela serve para naturalizar e legitimar as condições existentes, contribuindo para a reprodução das relações de produção. A ideologia, portanto, é intrinsecamente vinculada ao domínio das práticas sociais e institucionais, e opera de maneira a preservar o status quo das relações de poder (ALTHUSSER, 1980).

Em contraste, a ciência marxista, ao se distanciar da ideologia, busca uma abordagem rigorosa e crítica das estruturas sociais. Althusser propõe que a ciência deve ser capaz de analisar as condições materiais de produção e reprodução das sociedades, compreendendo as leis que regem esses processos sem ceder à ideologia dominante. Para ele, a ciência marxista não é simplesmente uma repetição das condições sociais existentes, mas uma prática que busca desvelar e explicar essas condições em sua totalidade e complexidade (ALTHUSSER, 1965). A separação entre ideologia e ciência, portanto, não é apenas uma distinção epistemológica, mas uma estratégia metodológica que visa superar as limitações da consciência ideológica e possibilitar a construção de uma teoria materialista da história, livre de pressupostos humanistas e empíricos.

Essa diferenciação tem implicações importantes para a compreensão da transformação social. Althusser sustenta que a mudança social não pode depender apenas da conscientização espontânea das massas ou de uma luta política movida pela ideologia dominante. Para ele, a transformação verdadeira da sociedade exige uma práxis política

informada pelo conhecimento científico, ou seja, uma ação transformadora que esteja alicerçada em uma análise objetiva das relações de poder, exploração e reprodução social. A ciência marxista, ao revelar os mecanismos que sustentam o sistema capitalista, torna-se, portanto, um instrumento essencial na luta contra a exploração e a opressão. Nesse sentido, a distinção entre ideologia e ciência não apenas diferencia os dois campos de pensamento, mas coloca a ciência marxista como a única capaz de fornecer as bases para uma transformação radical da sociedade, sem cair nas armadilhas da ideologia que perpetua a ordem existente (ALTHUSSER, 1974).

Além disso, essa ruptura epistemológica tem implicações metodológicas no modo como os marxistas devem se engajar na prática política. A construção de uma ciência histórica rigorosa, dissociada da ideologia dominante, permite que a teoria seja orientada para a prática transformadora, não como uma resposta à consciência popular ou ao espírito do tempo, mas como uma intervenção crítica capaz de alterar as bases materiais da sociedade. A consciência política, no pensamento althusseriano, não pode ser algo dado ou espontâneo, mas deve ser produto de uma intervenção consciente e teórica, orientada por um conhecimento científico que desvele a verdadeira natureza das relações sociais. Por isso, o trabalho teórico é, para Althusser, um passo fundamental na luta política: sem ele, a transformação social se torna uma luta sem bases concretas, sujeita à reprodução das mesmas estruturas ideológicas que busca superar.

203

2.4 A persistência da ideologia como um elemento estrutural da sociedade

A concepção de Althusser sobre a ideologia difere substancialmente de abordagens que a consideram um fenômeno transitório ou um erro de consciência passível de ser superado através do esclarecimento ou da conscientização. Para Althusser, a ideologia não é apenas uma ilusão ou distorção que pode ser corrigida pela verdade ou pela razão, mas um elemento estrutural e permanente das sociedades. Ela não é simplesmente uma ferramenta de manipulação consciente das classes dominantes, mas um mecanismo funcional necessário para a reprodução das relações sociais.

Em outras palavras, a ideologia não existe apenas para mascarar ou ocultar a realidade das classes dominadas; ela é uma parte essencial da manutenção da ordem social, atuando como um elo entre a superestrutura e a infraestrutura, entre as práticas materiais e as representações simbólicas que estruturam a vida social (ALTHUSSER, 1980). A ideologia,

portanto, tem uma função estrutural que vai além de um simples meio de controle consciente, mas sim como um processo que permeia as práticas diárias e os próprios sistemas de crenças.

A persistência da ideologia, para Althusser, é garantida por sua capacidade de se internalizar nas práticas cotidianas e nas instituições fundamentais que moldam a subjetividade humana. Ele introduz a noção dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) para descrever as instituições responsáveis pela reprodução das relações de produção, como a escola, a mídia, a religião, a família e outras instituições que atuam na formação dos sujeitos.

Estes aparelhos não se limitam a transmitir ideologias de forma direta ou explícita, mas funcionam como espaços nos quais os indivíduos são continuamente chamados a ocupar determinadas posições sociais. Eles operam de maneira a garantir que as condições materiais de produção se perpetuem e que a ordem social vigente seja constantemente reconstituída, por meio da internalização dos valores e normas que a sustentam (ALTHUSSER, 1980, p. 110). A ideologia, então, se enraíza nas práticas institucionais e sociais, tornando-se parte integrante da experiência humana e da construção da identidade dos sujeitos.

Por essa razão, Althusser argumenta que a ideologia não é um fenômeno acidental ou passageiro, mas uma constante nas sociedades humanas. Ela está profundamente imbricada nas relações sociais e é indispensável para a manutenção dessas relações, uma vez que as normas e valores que ela transmite são fundamentais para a reprodução das condições materiais e subjetivas da vida social. A ideologia é um fenômeno estruturante que, ao contrário do que propõem algumas teorias tradicionais, não pode ser simplesmente superada pelo esclarecimento ou pela revolução intelectual. Em vez disso, a ideologia opera de maneira silenciosa e contínua, funcionando como uma condição necessária para que as classes dominantes mantenham o controle sobre as relações de produção e reprodução social.

Esse entendimento da ideologia como um elemento estrutural oferece à teoria de Althusser um caráter mais complexo e dinâmico. Ela não é vista apenas como um reflexo da classe dominante, mas como um mecanismo que envolve todos os indivíduos, sendo responsável pela constituição dos sujeitos enquanto agentes sociais. A ideologia age na constituição da subjetividade humana, garantindo que as relações de poder e as estruturas econômicas e sociais sejam internalizadas pelos indivíduos, que se tornam, assim, sujeitos que operam de acordo com as exigências do sistema. Entretanto, a análise althusseriana da ideologia é muito mais ampla, permitindo uma compreensão mais profunda do papel das instituições na

perpetuação do status quo e da maneira como as ideologias são inseridas nas práticas cotidianas, muitas vezes sem que os indivíduos se deem conta de sua função reproduutora.

Porém, é fundamental destacar que, embora Althusser reconheça a centralidade da ideologia na manutenção da ordem social, ele também oferece um caminho para pensar a resistência a essa ordem. O reconhecimento da ideologia como um elemento estrutural não implica que a transformação social seja impossível. Ao contrário, a teoria althusseriana sugere que, para desafiar as estruturas de poder e as formas ideológicas dominantes, é necessário um processo de desenvolvimento e conscientização das formas como a ideologia atua nas práticas sociais e institucionais.

Isso implica, por exemplo, a desconstrução das representações que nos constituem como sujeitos e a criação de novas formas de organização social que questionem as relações de produção e as formas de subjetividade impostas pelo sistema capitalista. Assim, a análise de Althusser não apenas ilumina os mecanismos ideológicos que sustentam o sistema, mas também abre espaço para a reflexão sobre as possibilidades de resistência e transformação social dentro da própria estrutura capitalista (ALTHUSSER, 1980).

205

3. Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) e a reprodução das relações de produção

No presente capítulo, exploraremos a teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) proposta por Louis Althusser, que desempenham um papel central na reprodução das relações de produção dentro do capitalismo. Ao diferenciar os AIEs dos Aparelhos Repressores de Estado (AREs), Althusser destaca que os AIEs atuam de forma mais sutil, moldando as subjetividades e garantindo a continuidade da ordem social por meio da disseminação de valores e normas que naturalizam as desigualdades. Dispositivos como a escola, a mídia, a religião e a família desempenham funções fundamentais na formação dos indivíduos e na manutenção do status quo.

O funcionamento dos AIEs se dá por meio de uma estrutura que não se limita a disseminar ideologias explicitamente, mas age de maneira indireta e abrangente nas práticas sociais cotidianas. A formação de sujeitos ideológicos, por meio da interpelação, é um processo essencial para a perpetuação das relações sociais existentes. Nesse contexto, analisaremos como a ideologia não apenas reflete a realidade social, mas a constituiativamente, influenciando a percepção que os indivíduos têm de seu lugar no mundo. Ao longo do capítulo, refletiremos

sobre como as diferentes instituições funcionam para garantir a continuidade da ordem social e o controle ideológico, bem como as possibilidades de resistência e subversão dessa estrutura.

3.1 Definição e funcionamento dos AIEs: escola, mídia, religião, família, sistema político e dispositivos culturais

Louis Althusser (2022) propôs a teoria dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) para explicar como o poder dominante nas sociedades capitalistas é mantido não apenas por meios coercitivos, como os Aparelhos Repressores de Estado (AREs) — representados pela polícia, pelo exército e pelo sistema judiciário —, mas também por mecanismos ideológicos que agem de forma mais sutil, mas igualmente eficaz. Ao contrário dos AREs, que garantem a ordem por meio da repressão direta, os AIEs operam nas esferas da cultura, da educação e das práticas cotidianas, disseminando valores, normas e ideologias que moldam subjetividades, comportamentos e a percepção dos indivíduos sobre seu lugar na sociedade. Althusser destaca que a ideologia, ao ser integrada nas instituições sociais, não apenas reflete a ordem social, mas é fundamental para sua reprodução contínua, garantindo que as estruturas de poder capitalista se mantenham estáveis e incontestadas.

Dentro dos AIEs, instituições como a escola, a mídia, a religião, a família, o sistema político e os dispositivos culturais desempenham funções cruciais. A escola, em particular, é vista por Althusser (2022, p. 47) como “o Aparelho Ideológico de Estado por excelência”, pois é nela que os indivíduos são socializados e treinados para ocupar posições preestabelecidas na hierarquia social. Althusser sugere que a educação formal não apenas transmite conhecimento técnico e prático, mas também reforça os valores dominantes, como a disciplina, o conformismo e a aceitação da desigualdade social, garantindo assim a continuidade do sistema de produção capitalista. Por sua vez, a mídia desempenha um papel central na propagação das ideologias que naturalizam as desigualdades estruturais, promovendo uma visão do mundo que mascara as contradições do capitalismo, transformando o consumo e o entretenimento em mecanismos de alienação e distração (ŽIŽEK, 2019).

A religião, historicamente, tem sido um pilar fundamental na manutenção da ordem social, frequentemente ensinando a resignação e a aceitação da ordem estabelecida, o que contribui para a estabilidade do sistema de produção. Contudo, teóricos como Gramsci (1971) apontam que, embora a religião seja frequentemente utilizada como uma ferramenta de

controle, ela também pode ser um espaço de resistência ideológica, onde as massas podem questionar e subverter a ordem dominante.

A família e os dispositivos culturais complementam esse processo, pois, ao moldar os comportamentos e crenças desde a infância, atuam como canais primários para a internalização dos valores que sustentam a estrutura social capitalista. Esses diversos AIEs funcionam de maneira coordenada para garantir que a ideologia dominante seja aceita como parte da experiência cotidiana, dificultando a crítica ou contestação das relações de produção existentes.

3.2 O papel da ideologia na formação dos sujeitos e na manutenção da ordem social

A ideologia desempenha um papel central na formação dos sujeitos e na manutenção da ordem social, conforme destacado por Louis Althusser (1980). Para ele, a ideologia não é um mero conjunto de ideias ou representações errôneas, mas um mecanismo ativo e constitutivo da experiência social, moldando as práticas cotidianas e as instituições de maneira fundamental. A ideologia se materializa não apenas nos discursos, mas também nas ações, nos comportamentos e nas relações que os indivíduos estabelecem uns com os outros dentro da sociedade. Althusser argumenta que a ideologia, ao ser internalizada por meio de instituições como a escola, a religião, a família e a mídia, não apenas reforça a dominação das classes hegemônicas, mas também configura as percepções individuais sobre a realidade social. Em outras palavras, a ideologia constrói as lentes pelas quais os indivíduos percebem o mundo ao seu redor, tornando as relações de poder e as desigualdades sociais naturais e incontestáveis.

Essa ideologia não opera de forma explícita ou coercitiva, mas, conforme abordado por Bourdieu e Passeron (1970), se insere nas práticas cotidianas e se cristaliza nas instituições educacionais, que funcionam como um dos principais mecanismos de reprodução das desigualdades sociais. O conceito de “habitus” é central aqui, pois ele descreve as disposições duradouras e as práticas incorporadas que são transmitidas socialmente e que favorecem a continuidade das estruturas de poder. No sistema educacional, por exemplo, as crianças e jovens são socializados em normas que não apenas os preparam para o mercado de trabalho, mas também os posicionam de acordo com sua classe social, perpetuando as desigualdades ao longo das gerações.

Além disso, Foucault (1975) introduz a ideia de que as instituições modernas, ao disciplinarem os corpos e as mentes, produzem subjetividades alinhadas aos interesses do Estado e do capital. A disciplina se traduz em um mecanismo que regula e organiza a vida social, criando sujeitos que internalizam comportamentos desejáveis e aceitáveis dentro das normas estabelecidas. A ideologia, portanto, se manifesta na produção de sujeitos que, ao aderirem a esses padrões, garantem a estabilidade e a reprodução das relações sociais existentes.

A naturalização das relações de poder ocorre de maneira sutil e eficaz, funcionando em níveis profundos da vida social.

Althusser (1970) explica que a ideologia realiza um processo de interpelação, ou seja, chama os indivíduos a se reconhecerem como sujeitos dentro de uma estrutura ideológica determinada. Isso significa que os indivíduos, ao serem reconhecidos por instituições ideológicas (como a escola, a família ou a religião), são convidados a ocupar posições específicas dentro da hierarquia social, aceitando-as como naturais e merecidas. Esse processo de interpelação faz com que as desigualdades estruturais sejam vistas como resultados de escolhas pessoais ou de méritos individuais, obscurecendo suas raízes nas relações de produção e na estrutura econômica.

208

Assim, a ideologia impede que os indivíduos percebam a sociedade como um campo de disputas de classe e interesses antagônicos, dificultando a emergência de formas efetivas de resistência. Por meio desse mecanismo, a ideologia assegura a continuidade da ordem social, minando as possibilidades de contestação ou transformação profunda das estruturas de poder.

3.3 A interpelação dos indivíduos enquanto sujeitos ideológicos

A interpelação ideológica é um conceito central na teoria de Althusser (1980). Ele propõe que os indivíduos são chamados a se reconhecerem como sujeitos dentro de uma estrutura ideológica específica. Esse processo ocorre quando as instituições sociais posicionam os indivíduos em relação às normas e valores dominantes, garantindo sua adesão ao sistema.

Como argumenta Butler (1997), a interpelação é um mecanismo performativo que não apenas nomeia, mas também produz subjetividades. Ou seja, ao serem reconhecidos dentro de determinadas categorias sociais (trabalhador, estudante, cidadão), os indivíduos incorporam as expectativas e os comportamentos associados a essas categorias.

A escola, por exemplo, é um espaço onde ocorre a interpelação ideológica de forma intensa. Alunos são ensinados a se verem como competentes ou incompetentes, aptos ou inaptos, e essa classificação influencia sua trajetória social (BOURDIEU; PASSERON, 1970). De modo semelhante, a mídia cria narrativas que reforçam identidades e papéis sociais específicos, consolidando ideologias dominantes (ŽIŽEK, 2019).

Portanto, a interpelação dos indivíduos como sujeitos ideológicos é um mecanismo essencial para a reprodução das relações de produção. Esse processo demonstra como a ideologia não é apenas um conjunto de ideias abstratas, mas uma força material que estrutura a experiência social e define os limites da ação política.

4. Releituras e críticas à teoria althusseriana da ideologia

O campo de estudos sobre ideologia, particularmente a teoria proposta por Louis Althusser, tem gerado intensos debates e críticas, tanto dentro do marxismo quanto em outras correntes filosóficas. A proposta de Althusser, que vê a ideologia como um elemento estruturante das relações sociais, especialmente por meio dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), foi desafiada por diversos teóricos que consideram que sua abordagem não leva em consideração a capacidade de agência e resistência dos indivíduos.

Este capítulo busca explorar algumas das principais críticas à teoria althusseriana, destacando as tensões geradas por sua ênfase no determinismo estrutural e na passividade dos sujeitos diante das ideologias dominantes. A partir disso, serão analisadas as contribuições de autores como Giddens, Thompson, Foucault, Laclau, Žižek, entre outros, que ampliam e complexificam a compreensão da ideologia, considerando seu papel tanto como força de reprodução social quanto como campo de resistência.

Ao revisar as críticas à teoria de Althusser, é possível observar como diferentes abordagens, como o pós-estruturalismo e o pós-marxismo, reformulam a ideia de ideologia, deslocando o foco da simples reprodução de relações de poder para um espaço de disputa e transformação. A teoria de Gramsci sobre a hegemonia, por exemplo, oferece uma perspectiva que reconhece o poder da resistência dentro das próprias instituições ideológicas, algo que Althusser tende a minimizar.

Por meio do exame dessas críticas, o capítulo também aponta para as lacunas na teoria althusseriana, especialmente no que diz respeito à falta de espaço para a ação e a

subversão dos sujeitos. Esse debate, ao mesmo tempo, abre novas possibilidades para a compreensão das dinâmicas ideológicas contemporâneas, levando em consideração tanto os mecanismos de dominação quanto as possibilidades de contestação e mudança.

4.1 Debates sobre o determinismo estrutural em Althusser

A teoria da ideologia proposta por Louis Althusser gerou intensos debates acadêmicos, especialmente no que tange ao seu suposto determinismo estrutural. Para Althusser (1980), a ideologia desempenha um papel fundamental na reprodução das relações de produção, operando através dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs). No entanto, sua abordagem estruturalista foi criticada por teóricos marxistas e pós-marxistas que viram nela um reducionismo que minimiza a capacidade dos indivíduos de resistir e transformar a ordem social.

Uma das principais críticas à concepção althusseriana é sua tendência a enfatizar a primazia das estruturas sobre a ação humana. Giddens (1984), por exemplo, argumenta que as estruturas sociais não são apenas determinantes, mas também são produzidas e reproduzidas pela prática dos agentes. Essa perspectiva contrasta com a ideia althusseriana de que os indivíduos são interpelados como sujeitos dentro de uma ideologia dominante, sem margens significativas para resistência ou transformação. 210

Outros críticos, como Thompson (1978), questionam o papel passivo atribuído aos indivíduos na teoria althusseriana. Para ele, Althusser negligencia a história e a experiência concreta das lutas sociais, tratando a ideologia como um mecanismo de reprodução social imutável. No entanto, a história demonstra que ideologias podem ser contestadas e transformadas por meio da prática política e da mobilização social.

Apesar dessas críticas, alguns autores defendem que a abordagem estruturalista de Althusser ainda é relevante para compreender como as estruturas ideológicas moldam a subjetividade e garantem a manutenção da ordem social (RESCH, 1992). A teoria althusseriana, portanto, continua sendo um referencial fundamental para o estudo da ideologia, ainda que necessite de complementações que incorporem elementos de agência e resistência.

4.2 As críticas pós-estruturalistas e pós-marxistas: Foucault, Laclau e

A influência da teoria althusseriana também gerou críticas significativas por parte de teóricos pós-estruturalistas e pós-marxistas. Michel Foucault (1975), por exemplo, questiona a ideia de que a ideologia é o principal mecanismo de reprodução do poder. Para ele, o poder não se concentra apenas no Estado ou nos Aparelhos Ideológicos, mas está disseminado em múltiplas redes que atravessam todas as relações sociais. Seu conceito de biopolítica amplia a compreensão do poder para além da ideologia, destacando os mecanismos disciplinares e normativos que regulam os corpos e as condutas.

Ernesto Laclau e Chantal Mouffe (1985), por sua vez, propõem uma reformulação da teoria marxista, criticando a noção de determinação estrutural da ideologia em Althusser. Para esses autores, as relações sociais são constituídas por discursos, e não por uma estrutura fixa. Dessa forma, o poder e a hegemonia são contestáveis através da construção de novas articulações discursivas e políticas. Essa abordagem desconstrói a rigidez althusseriana e abre espaço para uma compreensão mais dinâmica das disputas ideológicas.

Slavoj Žižek (1989), influenciado tanto por Althusser quanto por Lacan, propõe uma leitura psicanalítica da ideologia. Para ele, a ideologia não é apenas uma distorção da realidade, mas a própria estrutura que organiza a experiência social. Diferentemente de Althusser, que via a interpelação ideológica como um mecanismo de reprodução social, Žižek enfatiza o papel do desejo e da fantasia na adesão dos indivíduos à ideologia. Essa abordagem permite uma compreensão mais aprofundada das formas sutis de sujeição ideológica e dos mecanismos de resistência.

As críticas pós-estruturalistas e pós-marxistas à teoria althusseriana evidenciam suas limitações, mas também demonstram sua relevância como ponto de partida para análises contemporâneas sobre ideologia e poder. O debate entre essas perspectivas amplia a compreensão das dinâmicas sociais e políticas, permitindo uma análise mais sofisticada das formas de domínio e resistência na sociedade moderna.

4.3 Possíveis lacunas na teoria da ideologia, como a ausência de espaço para a resistência e a agência dos sujeitos.

A teoria da ideologia formulada por Louis Althusser tem sido amplamente criticada por sua tendência ao determinismo estrutural, que reduz a capacidade dos sujeitos de resistir às

interpelações ideológicas. Para Althusser (1970), a ideologia funciona através dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), interpelando os indivíduos como sujeitos dentro de uma estrutura social que garante a reprodução das relações de produção. No entanto, essa concepção tem sido criticada por não levar em conta de maneira suficiente a possibilidade de resistência e a agência dos sujeitos dentro do próprio campo ideológico.

Stuart Hall (1985) argumenta que a ideologia não deve ser vista apenas como um mecanismo de reprodução das estruturas de domínio, mas também como um espaço de disputa e resignificação. Ele propõe uma visão mais dinâmica da ideologia, na qual os sujeitos não são meramente interpelados de maneira passiva, mas têm a capacidade de reinterpretar e subverter os discursos dominantes. Essa perspectiva aproxima-se das concepções pós-estruturalistas que enfatizam a fluidez e a instabilidade das estruturas ideológicas.

Outro ponto de crítica à abordagem althusseriana é levantado por Judith Butler (1997), que discute a performatividade da ideologia e a possibilidade de subversão por meio da reiteração discursiva. Segundo Butler, os sujeitos não são apenas moldados pela ideologia, mas também participam ativamente de sua reprodução e transformação. Essa perspectiva abre espaço para uma compreensão mais complexa da ideologia, que reconhece tanto os mecanismos de domínio quanto as possibilidades de resistência e agência dos indivíduos.

Ainda, Raymond Williams (1977) destaca que a cultura é um campo de luta onde diferentes forças sociais disputam a hegemonia ideológica. Para Williams, a ideologia não deve ser entendida apenas como um aparato homogêneo de controle, mas como um espaço em que emergem contradições e resistências. Isso sugere que, mesmo dentro dos Aparelhos Ideológicos de Estado, podem surgir fissuras e brechas que permitam a criação de contra-discursos e movimentos de emancipação.

Portanto, as críticas à teoria althusseriana ressaltam a necessidade de uma abordagem mais dinâmica da ideologia, que leve em consideração a capacidade dos sujeitos de reinterpretar, resistir e transformar os discursos e práticas ideológicas. Ao incorporar elementos da teoria do discurso, da dinâmica discursiva e da hegemonia cultural, torna-se possível compreender melhor como a ideologia opera não apenas como um instrumento de reprodução social, mas também como um campo de luta e transformação.

212

4.4 Diálogos entre Althusser e outras perspectivas críticas da ideologia: Gramsci e a hegemonia

A teoria althusseriana da ideologia, embora tenha sido fundamental no campo da crítica marxista, não é uma abordagem isolada. Ela se insere em um amplo campo de debates e diálogos com outras perspectivas críticas, como a teoria da hegemonia de Antonio Gramsci. Enquanto Althusser concentra-se na função dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) e na maneira como eles garantem a reprodução das relações de produção através da ideologia, Gramsci (1971) oferece uma visão diferente, mais centrada na noção de hegemonia cultural e no papel ativo das classes dominantes na construção do consenso social.

Para Gramsci, a hegemonia não é simplesmente imposta de cima para baixo, mas construída de maneira mais fluida e negociada, sendo resultado de um processo de consentimento ativo da sociedade civil. Ele propõe que, ao contrário da concepção determinista de Althusser, a ideologia pode ser moldada através da luta de classes e da disputa pela hegemonia dentro das instituições culturais, como a educação, a mídia e a religião. Nesse sentido, Gramsci não vê as ideologias como algo que simplesmente molda os sujeitos sem resistência, mas sim como algo que está em constante transformação devido a processos políticos e culturais.

Por outro lado, Althusser (1980) focou na ideia de que os sujeitos são formados por mecanismos ideológicos dentro dos Aparelhos Ideológicos de Estado, e que as ideologias são fundamentais para garantir a continuidade da ordem social. Ele acreditava que esses aparelhos, como a escola e a mídia, não apenas transmitiam conhecimento, mas também reforçavam a subordinação das classes dominadas, tornando-as conscientes de sua posição dentro da estrutura social sem questioná-la. A relação entre as classes dominantes e a ideologia, em Althusser, é profundamente funcionalista e determinista, o que tem sido um ponto de controvérsia com as concepções gramscianas.

Essa tensão entre as abordagens de Althusser e Gramsci é esclarecedora quando se considera o conceito de resistência. Para Gramsci, a resistência está ligada à construção de uma contra-hegemonia, que surge através da articulação de novos discursos e práticas culturais que desafiem a hegemonia dominante. Essa perspectiva amplia a concepção de resistência, tornando-a mais visível e operacional no campo das ideologias, ao passo que, para Althusser, a ideologia opera de maneira mais invisível e determinante na formação dos sujeitos, minimizando a possibilidade de resistência. A ênfase gramsciana na ação política e na criação de novos sentidos e significados nos campos culturais e sociais abre novas avenidas para a resistência, que Althusser parecia subestimar.

Além disso, outras perspectivas críticas da ideologia, como as abordagens pós-estruturalistas e pós-marxistas, também enriquecem esse diálogo. Como mencionado por Laclau e Mouffe (1985), a ideologia não é mais vista como uma estrutura fixa e imutável, mas como algo que se constrói através de disputas discursivas. Assim, em diálogo com Althusser, esses teóricos sugerem uma visão mais flexível e contingente da ideologia, onde os significados são instáveis e podem ser alterados por meio da prática discursiva e política. O trabalho de Slavoj Žižek (1989), por exemplo, ao integrar a psicanálise e o marxismo, também coloca a ideologia em uma perspectiva dinâmica, considerando o papel do desejo e da fantasia na adesão dos indivíduos a determinados sistemas ideológicos.

Esse diálogo entre as diversas perspectivas críticas revelam um campo de disputa teórica e política no qual as ideologias não são apenas instrumentos de reprodução passiva das relações de poder, mas também arenas de contestação e resistência, onde os sujeitos desempenham um papel ativo na transformação das estruturas sociais. A teoria althusseriana, com sua ênfase na interpelatividade e no funcionamento dos AIEs, continua sendo um ponto de referência importante, mas precisa ser lida em relação às teorias que oferecem uma compreensão mais complexa da resistência e da agência dos sujeitos na constituição e transformação das ideologias. **214**

Considerações finais

Este trabalho procurou abordar a teoria da ideologia de Louis Althusser, destacando seus conceitos centrais, como os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs), a interpelatividade e o determinismo estrutural. Althusser, ao deslocar a análise da ideologia para o campo das práticas materiais e institucionais, ofereceu uma contribuição fundamental para a crítica das formas de dominação presentes nas sociedades capitalistas. Sua visão da ideologia como uma estrutura que molda os sujeitos sem que estes percebam, por meio de instituições como a escola, a família, a mídia e a religião, revelou a complexidade da reprodução das relações de poder e a continuidade da ordem social.

Além disso, as críticas ao determinismo estrutural althusseriano, oriundas de abordagens pós-estruturalistas, gramscianas e de outros teóricos, como Stuart Hall, Judith Butler e Slavoj Žižek, trouxeram à tona a questão da agência e da resistência dos sujeitos,

ampliando a compreensão das dinâmicas ideológicas e das possibilidades de transformação social.

No contexto atual, em que o neoliberalismo e as tecnologias digitais se consolidaram como elementos centrais das sociedades contemporâneas, a teoria althusseriana da ideologia continua a ser uma ferramenta valiosa para a análise crítica. Em um cenário onde os AIEs, como a mídia digital, as plataformas de redes sociais e as novas formas de controle ideológico, desempenham um papel cada vez mais evidente, a interpelatividade ideológica de Althusser se revela extremamente pertinente.

A maneira como os indivíduos são constantemente interpelados por discursos neoliberais, que promovem a competição individual, o consumo e a conformidade, reforça a relevância das ferramentas analíticas althusserianas para entender a reprodução das relações de poder na atualidade. Além disso, a ideologia se torna ainda mais insidiosa quando se apresenta como uma ideologia de “liberdade” e “escolha”, mascarando a perpetuação das desigualdades sociais e econômicas.

Contudo, é preciso reconhecer que a teoria althusseriana da ideologia apresenta lacunas, especialmente no que diz respeito à agência e à resistência dos sujeitos. As críticas a essa abordagem sugerem que, ao enfatizar a passividade dos indivíduos diante das forças ideológicas, Althusser negligencia as possibilidades de subversão e transformação. Diante disso, é necessário repensar a crítica da ideologia no século XXI, considerando tanto as continuidades estruturais presentes nas formas contemporâneas de dominação quanto as novas formas de resistência que emergem, especialmente no campo digital e nas lutas sociais.

Os diálogos com outras correntes teóricas, como as de Gramsci, Laclau e Mouffe, e os avanços das teorias pós-estruturalistas, oferecem importantes perspectivas para enriquecer a crítica ideológica, integrando a complexidade das práticas sociais contemporâneas, onde as ideologias são construídas e contestadas de maneira dinâmica e multifacetada.

Portanto, para o avanço da crítica da ideologia no século XXI, é necessário um entendimento mais complexo da relação entre as estruturas ideológicas e as formas de resistência, reconhecendo a ação dos sujeitos na constituição e transformação das ideologias. A teoria althusseriana continua a ser uma contribuição importante, mas precisa ser lida de forma mais flexível e dialética, à luz dos desafios contemporâneos e das novas formas de luta e resistência que surgem no cenário global.

Referências bibliográficas

- ALTHUSSER, Louis. **Pour Marx**. Paris: Maspero, 1965.
- ALTHUSSER, Louis. **Filosofia e o espontâneo da ciência**. Lisboa: Presença, 1974.
- _____. **Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- _____. **Aparelhos ideológicos de Estado**. 13 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2022.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1970.
- BUTLER, Judith. **Excitable speech: a politics of the performative**. New York: Routledge, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1975.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. **Hegemony and socialist strategy: towards a radical democratic politics**. London: Verso, 1985.
- _____. **Hegemonia e estratégia socialista: por uma política democrática radical**. 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2015.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1982.
- LEWIS, William. Louis Althusser. In: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (eds.). **The Stanford Encyclopedia of Philosophy**. Edição de outono de 2022. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2022/entries/althusser/>>. Acesso em: 2 fev. 2025.
- LÖWY, Michael. **As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na teoria do conhecimento**. São Paulo: Cortez, 2019.
- RESCH, Robert Paul. **Althusser and the renewal of Marxist social theory**. Berkeley: University of California Press, 1992.
- THOMPSON, John B. **Studies in the theory of ideology**. Berkeley: University of California Press, 1978.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo:** a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2003.

ŽIŽEK, Slavoj. **Like a thief in broad daylight:** power in the era of post-human capitalism. London: Penguin Books, 2019.

ŽIŽEK, Slavoj. **The sublime object of ideology.** London: Verso, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977.